

**ENTREVISTA TRANSCRITA COM O PROFESSOR DOUTORANDO E
TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS PORTUGUÊS MARCUS VINICIUS
BATISTA NASCIMENTO (UFSCAR)**

**TRANSCRIBED INTERVIEW WITH THE TEACHER DOCTOR AND
PORTUGUESE INTERPRETER MARCUS VINICIUS BATISTA BIRTH
(UFSCAR)**

Margarida Maria Pimentel de Souza¹

Universidade Federal do Ceará

Gérison Kézio Fernandes Lopes²

Universidade Federal do Maranhão

(...)intérprete é alguém

que participa do processo pedagógico do aluno...

então mesmo que ele se esforça

ele vai tomar decisões para que esse aluno aprenda

Vinícuis Nascimento



Marcus Vinícius Batista Nascimento é Mestre (2011) e Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e Bacharel em Fonoaudiologia (2009) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tradutor Intérprete da Língua de Sinais Brasileira (Libras)/ Língua Portuguesa certificado pelo MEC

através do Exame Nacional de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - PROLIBRAS. Professor do Departamento de Psicologia no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro - estudante do GP/CNPq "Linguagem, Identidade e Memória" liderado pela Profa. Dra. Beth Brait (PUC-SP/USP/CNPq). Membro da Equipe de assessoria para o Programa de Educação Bilíngue de Surdos da Secretaria de

¹ Professora de LIBRAS da Universidade Federal do Ceará. Possui Graduação em Licenciatura em Letras Libras (2010) pela Universidade Federal de Santa Catarina (Pólo UFC), Bacharelado em Geografia (1994) e Licenciatura em Geografia (1992) pela Universidade Estadual do Ceará; Especialização em Educação Especial (2004) e Administração Escolar (1999) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; e Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2008).

² Professor de LIBRAS da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacabal. Licenciado em Pedagogia (UVA), Bacharel em Letras Libras (UFSC/UFCA), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE).

Educação da Cidade de São Paulo/Diretoria de Orientação Técnica em Educação Especial/SMESP-DOTEE (2011-2012/ 2014-2015). Possui experiência como docente na formação de professores em nível de graduação e pós-graduação e de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais em nível de graduação, pós-graduação lato sensu e extensão. Também possui experiência como Tradutor e como Intérprete de Libras/Língua Portuguesa em diferentes esferas de atividade: midiática, jurídica, comunitária, corporativa, acadêmica, sendo nessa última em diferentes áreas do conhecimento: administração, contabilidade, design gráfico, sistemas de informação, educação, recursos humanos. Os temas centrais de ensino, pesquisa e extensão são surdez e língua de sinais atuando, principalmente, nos seguintes tópicos: Libras, educação bilíngue, formação de tradutores e intérpretes, tradução e interpretação de línguas sinalizadas, bilinguismo, linguagem e formação de professores. (Texto informado pelo autor)

A entrevista que segue foi realizada no I ENELELS que ocorreu no período de 19 a 22 de julho de 2016 na Universidade Federal do Ceará (UFC), entrevista foi realizada pelos estudantes bolsistas da Professora Mestra Margarida Pimentel (UFC) e do Professor Gérison Kézio (UFMA) – Campus Bacabal, sob suas orientações, os quais serão identificados pelas iniciais dos respectivos professores.

M.P e G.K: O intérprete educacional atualmente tem desenvolvido sua função profissional ou uma função mais assistencialista?

V.N: O intérprete educacional é um... eh... eu penso que são os intérpretes não dá pra pensar que é um perfil só né... Depende... depende do intérprete... depende de onde ele trabalha da região onde ele é... O trabalho educacional tende a ser... ele tende a ser... eh... os interpretes em geral... isso aí é um risco que nos corremos... é quando estamos como intérpretes ter posturas assistencialista né... porque assistencialismo implica decidir pelo outro... e intérprete é alguém que participa do processo pedagógico do aluno... então mesmo que ele se esforça ele vai tomar decisões para que essa aluno aprenda né... eh... e aí por isso que eu penso que formação é extremamente importante porque a formação tira a concepção do senso comum a concepção dada pela cultura de quem é o surdo de quem é... eh... do que é... de que o surdo é coitado entre aspas no sentido que ele precisa de ajuda... que nós intérpretes nos recebemos essa cultura essa concepção da cultura circulante né... então o surdo precisa de ajuda... se eu não passo por uma formação pra desconstruir esse PREconceito... eu vou atuar como intérprete educacional achando que ele realmente precisa de ajuda e a minha atuação não vai ser em... eh... sendo um mediador de seu desenvolvimento pedagógico de seu desenvolvimento como cidadão mas alguém que tá lá pra ajudar o a ser melhor na vida e não é isso... né... o intérprete é o profissional que tem o papel de mediação... então eu acho que a pergunta... eh... deveria ser os intérpretes educacionais porque quando você coloca no plural eu te pergunto interpretes de onde... de São Paulo de Minas do Ceará... eh... ainda assim... de que região do Ceará... de que região do São Paulo... de que nível

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

educacional... intérprete educacional não é o intérprete que atua só no ensino superior... ele atua... na educação básica... é na maioria dos casos... em alguns casos a educação básica na primeira... no fundamental um... que é completamente incoerente com o desejo da comunidade surda e as políticas que na... no fundamental um que a criança surda tem que tá numa sala de... numa escola ou numa sala de aula bilíngue... o intérprete entraria... entraria atuando a partir do... do fundamental dois... então o intérprete educacional é muito... é o intérprete educacional onde... eh... em que nível... e eu acho que todos... em todo os níveis... independente de onde... onde pode cair no risco de atuar... de ter uma postura assistencialista na sua prática

M.P e G.K: A maioria dos surdos chega no ensino médio sem ler e escrever na língua portuguesa com proficiência, no entanto temos uma política de educação inclusiva com funcionais Tils, professores e instrutores de Libras. O que esta faltando pra essa realidade ser modificada?

V.N: Tá faltando professores que realmente... enxerguem os alunos surdos como alunos surdos... e antes do professores que eu não gosto de culpar o professor... acho que a culpa não é do professor... tão somente... de uma política pública ou da efetivação das políticas públicas... para a comunidade surda né... para na educação de surdos... que a política que a gente tem hoje é uma política que pressupõe... ou que determina... na leitura a criação de espaços.. que... propiciem a aquisição da língua de sinais como primeira língua... e do português como segunda língua... a grande questão é que as crianças... que hoje estão chegando no ensino médio... ainda são frute de um fundamental um de um fundamental dois sem a aplicação das políticas de inclusão e políticas de educação bilíngue... né... são frutos de daquela educação especial... daquela concepção da educação especial de que a criança surda... onde que a criança com deficiência tinha que ficar no... tinha que ser cuidada... não tinha que ser ensinada ou tratada como outro aluno... então se a gente pegar os últimos dez anos... eh... a dez anos atrás não tinha uma... a criação de escolas bilíngues... de salas bilíngues... se tinha alunos na rede... nas redes... de ensino... e que foram sendo aprovados geralmente numa progressão automática... então o que falta? falta a efetivação da política pública que já existe... que nossa política pública brasileira não é ruim... né... a instrumentalização dessa política... então a gente precisa formar professores... BONS professores... que saibam língua de sinais de verdade... e que saibam português de verdade... porque o... a grande questão do ensino da língua portuguesa para surdos... para além de todas as problemáticas... é que se você tem um professor... e eu falo das experiências que eu tive como assessor na prefeitura municipal de São Paulo e agora como professor da UFSCAR e... numa cidade desse tamanho... pequena... que tem uma sala de aula bilíngue e que tem professores que tem tido bons resultados... quem são esses professores? fluentes em Libras e que sabem o português... ou seja eles conseguem ensinar o português usando a Libras como língua de... de mediação aí... desse... desse

ensino e esse alunos aprendem a escrever... então eu acho que falta a efetivação das políticas e formação de pessoas... DE VERDADE... e valorização da língua de sinais pra que essas/ essas/ esses meninos venham a escrever o português... BEM

M.P e G.K: No contexto de sala de aula como devo interpretar as aulas de língua inglesa para os alunos surdos?

V.N: Eu acho que não tem que interpretar... porque é... meio esquizofrênico né... você pensar que... o inglês pro surdo seria uma terceira língua... a discursão que a gente faz hoje é que se o português deve ser ensinado como uma segunda língua... o inglês também deve ser ensinado como uma segunda língua... e aí segunda língua entendendo que não é que... eu tô falando inglês/ eh... português primeiro eh... Libras primeiro eh português segundo Libras terceiro... é terceira porque ela... em ordem de aquisição ela é a terceira... mas nos estudos do bilinguismo por exemplo... os estudos que discutem a aquisição de língua segunda língua é aquela que você usa não importa quantas línguas você adquiriu... é aquela que você usa depois da sua... língua de aquisição... sua língua eh... sua primeira língua... então na minha opinião intérprete não tem que interpretar porque você não tem como interpretar assim como você tem como interpretar a aula de português... interpretar aula de português... ela não é possível... porque... porque as aulas de português são dadas para as... as pessoas no ensino regular como língua materna... e a gente discute que o surdo aprende a língua portuguesa a língua portuguesa como segunda língua... o ensino de língua materna é um... o ensino de segunda língua é outro... o inglês ele é ensinado como segunda língua pras/ pros ouvintes só que ele passa pelas quatro habilidades linguísticas... a audição a audição/ a compreensão que passa pela audição... a oralidade... que passa pela fala a leitura e a escrita... o surdo não vai ter acesso a uma compreensão auditiva e nem um desenvolvimento da oralidade dessa língua... ele vai ter acesso a dois/ a duas outras habilidades que é a leitura e que é a escrita... e a minha pergunta é... é possível trabalhar só a leitura e a escrita numa sala... que demande oralidade e escuta... por isso o ensino de língua/ de inglês pra surdos na minha visão deve ser pensado também no mesmo molde como o ensino de português na na leitura e na escrita... num contexto a parte fora da sala inclusiva

M.P e G.K: Qual o maior desafio do Tils na interpretação da Libras para a língua portuguesa?

V.N: Você diz interpretação chamada de voz? deixa eu ver a pergunta... cadê... se a gente pensar na direção no sul na interpretação a gente chama direcionalidade né... a direção Libras língua portuguesa... então o surdo fazendo língua de sinais ou um ouvinte... um sinalizando usando a língua de sinais e eu como intérprete tenho que interpretar com a língua oral... eh... eu penso que os desafios são os mesmo de qualquer interpretação... acho que a gente tem que quebrar um pouco o mito de que a interpretação chamada interpretação de voz... eu não gosto dessa expressão... a

interpretação de Libras português ela é mais difícil... ela não é... a grande questão é que a gente faz/ fazia menos interpretação da língua de sinais da língua de sinais pra língua portuguesa por uma questão sócio histórica... os surdos estavam em posição... não estavam em posição de locutor... eles sempre estiveram em posições de interlocutor... então a gente fez mais pra língua de sinais... hoje você tem uma virada sócio histórica... os surdos estão mais na posição de locutor... eles falam mais... não só os surdos mas... a mais discursos em língua de sinais... em língua de sinais nos contextos... o encontro da Apilce aqui por exemplo todo o evento é feito em língua de sinais... ouvintes e surdos e a interpretação do mesmo jeito... então o/ a grande questão pra mim é que/ não é que é mais difícil... falta formação... e porque que falta formação? porque historicamente a gente sempre se dedicou mais como português Libras... nunca pra Libras português... hoje hoje o contexto pedi uma mudança ou uma reorganização nas prioridades... a gente tem que trabalhar a bidi/ bidirecionalidade na interpretação... português libras e libras português

M.P e G.K: Porque a poucas provas de proficiência para revelar os melhores capacitados para o mercado de tradução interpretação de Libras português? Já não basta o Prolibras não ser anual?

V.N: Bom primeiro que eu acho que o Prolibras ele não é um exame de proficiência linguística... ele é um exame que... eh dá um certificado... enfim o Prolibras tem a sua importância histórica no sentido que consegui... eh... garimpar um pouco o campo e e dando/ e dar uma certificação uma comprovação entre aspas pra quem já tava no campo... mas o Prolibras tem muitos problemas... tô discutindo isso na minha tese... de doutorado... por quê? se a gente pegar o Toefl por exemplo? você conhece o Toefl? Que é o exame de proficiência do inglês... o Toefl/ quando você faz o Toefl você tem duas provas do Toefl... tem uma prova que mede... compreensão () a escuta a leitura e a escrita esse é um exame... e você tem outro exame do Toefl que mede as quatro habilidades... compreensão leitura escrita e fala... quando você faz a prova do Toefl você não recebe um certificado dizendo que você pode atuar... no ensino na tradução na interpretação... o Toefl avalia sua proficiência linguística... ou seja sua capacidade de compreensão a sua capacidade de fala a sua capacidade de leitura a sua capacidade de escrita na língua... é o uso da língua... é a proficiência... é a/ a sua/ mede a sua a sua fluência linguística... o exame de proficiência ele mede mede mediria o uso para algum contexto... então nesse sentido o Prolibras tem a sua proposta... que é ver o uso para o ensino de Libras e ver o uso para a tradução e interpretação... só que a prova... eh... as pessoas que receberam a certificação de tradução e interpretação por exemplo... elas só fizeram prova de interpretação... não fizeram prova de tradução... que a tradução e interpretação são atividades distintas... a tradução trabalha com textos escritos... com textos em registro não necessariamente escritos pode ser em vídeo também... mas o tempo de trabalho é maior... você tem um movimento de pesquisa... e a interpretação é

simultânea... a prova feita pro Prolibras pro Prolibras foi só a simultânea... e o cara saiu... eu tenho o Prolibras... a gente saiu como tradutor interprete quando só foi avaliado a proficiência para o uso na interpretação... com... o agravante da prova ter sido feita em quinze minutos (e também) para o ensino de Libras né... não dá pra gente pensar que o Prolibras é um exame eh eh... que vai garimpar que vai ser suficiente para as discursões... o que a gente precisa ter agora é uma batalha para consolidar a formação do tradutor e interprete de língua de sinais... criar e fortalecer entidades que fiscalizam e representam e essas entidades comecem a avaliar os intérpretes emitindo certificados e carteira e números tudo mais de atuação habilitação

M.P e G.K: No cenário atual que vivemos qual a importância do Tils?

V.N: Interprete? total porque o interprete existe porque existem surdos né... se os surdos não existissem possivelmente não existiram interpretes de língua de sinais... porque os surdos são os primeiros usuários da língua né... existem os filhos de surdos os codas que são ouvintes mas eles só existem porque os pais são surdos né... então os surdos são os primeiros a usar a língua de sinais... então a importância é porque existem surdos né... e e... e eu penso que o interprete não deve chegar depois que o surdo entrar nos espaços... como é um pouco da cultura brasileira... chega o surdo a gente começa a sair correndo atrás do intérprete... aí eu preciso de intérprete preciso de intérprete... não a gente precisa fazer com que os interpretes cheguem primeiro... pra que aí sim os surdos cheguem com acessibilidade e com o direito de ter... enfim de de garantir a/ ter a garantir de entrar e participar dos espaços... então a importância é total porque os surdos são cidadãos com direitos e o interprete é o sujeito que garante o direito da comunicação para os surdos

M.P e G.K: Que mensagem você trás para quem deseja ser Tils?

V.N: Primeiro aprenda muito língua de sinais... muito MUITO... se envolva muito com a comunidade surda e estude muito... isso na verdade tinha que ser o contrário... estude muito... língua de sinais e questões de tradução e interpretação e se envolva muito com a comunidade surda... um curso de formação ele não é suficiente pras demandas da atuação... e ao contrário também é verdadeiro... se eu só tenho prática eu não consigo ter... eh eh... não consigo lidar com as demandas... então eu preciso ter uma relação entre prática e teoria prática e formação... e onde eu vou ter isso? nos cursos de formação nos ambientes que/ nas instituições que estão oferecendo... as vezes... nos cursos de graduação nos bacharelados... ainda são poucos... nos cursos de especialização sérios que se propõem a a ter/ a formar (com habilitação) os cursos técnicos como tem aqui no Ceará e que tá pra abrir no SENAC e muito muito envolvimento com a comunidade surda... que por mais que você tenha o diploma como tradutor e de intérprete... não é o seu diploma que vai garantir a sua entrada como intérprete na comunidade surda... existe algo muito peculiar na relação dos intérpretes

com os surdos que se chama confiabilidade... os surdos eles querem confiar nos intérpretes e... não é o diploma que da confiabilidade pro intérprete... é a relação que intérprete mantem com a comunidade surda

M.P e G.K: Qual é o maior desafio que o Tils enfrenta em sua atuação?

V.N: Eu não sei te dizer não sei te dizer se tem um maior... acho que são muitos desafios né... e em que contexto? o intérprete educacional vai ter... eh alunos surdos for do fundamental um... eh... que vão vê-lo como referência de língua de sinais... porque na casa dele não tem língua de sinais... então eles eles vão olhar pro intérprete como a referência caso a escola não tenha o professor surdo e tudo mais... esse é um grande desafio... você ser um modelo linguístico pra um surdo... você não é surdo... se você vai pro ensino fundamental dois você vai receber alunos com diferentes idades... você pode receber com diferentes idades e com diferentes níveis de aquisição de linguagem e o intérprete vai ter que ir lá dá conta dos cinco alunos que ele tá interpretando... um que é muito fluente outro que é meio meio fluente e um que não é nada fluente... esse é um outro desafio... no ensino superior no ensino médio e no superior ele vai receber vai atuar com alunos que já tem um nível de proficiência linguística interessante... interessante não... suficiente pra se comunicar e compreender o que tem que ser compreendido debater ter uma reflexão... mas ele pode ter aqui (pode receber) esses mesmo sujeitos não vão ter uma relação boa com a língua portuguesa e ele tem que atuar muitas vezes como tradutor além de intérprete... esse é um outro desafio... então depende do contexto os desafios não são O não é um... são muitos desafios e depende do intérprete e em que contexto... intérprete de conferencia vai ter o desafio de se expor... lá na frente do palco... se for alguém com muita dificuldade de se expor... muita dificuldade de ser observado... não sei se ele consegue como intérprete no contexto de conferências... entende? se for... intérprete televisivo ele vai ter que interpretar pra uma câmara... o grande desafio é não saber quem está te assistindo... é estar disposto... disposto não... exposto a tudo quanto é tipo de público... surdo ouvinte que sabe que não sabe língua de sinais... então é um outro desafio... então depende do contexto... eu diria que são muitos desafios e a gente vai olhar o desafio de acordo com a área de atuação

M.P e G.K: Daqui a dez anos como você espera que o Tils seja visto na sociedade?

V.N: Daqui dez anos... Eu espero que seja reconhecido como um profissional... eh... como é qualquer outra profissão... e mais do que isso que... seja reconhecido como profissional não assistencialista... porque a sociedade tem uma visão que a gente ajuda os surdos... que nosso trabalho é lindo... é bonito... porque a gente mexe as mãos... porque olha que lindo... então espero que daqui a dez anos... isso é uma visão muito otimista... a sociedade não olhe/ nos olhe como profissionais... que o próprio mercado de trabalho exclua o joio... os intérpretes estrelas que não querem atuar... em beneficio

da comunidade surda e nem em benefício da categoria mas em benefício... mas atuar em prol... da da sua alto promoção pessoal... eh... que tenha muito mais curso de formação... e... acho que... com essa sustentação a sociedade tende a olhar pra gente como profissionais do que como meros auxiliares ou mero sujeitos ou como sujeitos que receberam o dom divino pra poder ajudar os surdos

M.P e G.K: Quais as barreiras legais a serem superadas pelos Tils?

V.N: Muitas né... a gente tem uma uma série de contradições legais... então se a gente pegar desde o ano dois mil até... dois mil e quinze que é a última lei que... foi prorrogada que tem a expressão tradutor intérprete de libras... nos tivemos muitos avanços... a lei de acessibilidade do ano dois mil falava em intérpretes de linguagem de sinais... hoje a gente discutiu tradutor intérprete de LIBRAS de língua brasileira de sinais... então muito avanço... toda via esses quinze dezesseis anos né... esses quinze dezesseis anos... esses quinze anos de legislação nos mostram quantas pessoas que tentam falar sobre por nos não sabem o que nos fazemos né... e o quanto nos precisamos estar presente nas relações das discursões políticas... eh... então o maior desafio legal... pra categoria com um todo é é articular pra que seja exigido o nível formação superior pra atuação como intérprete... em todos os contextos... mas eu quero destacar um que é o educacional... a lei brasileira de inclusão por exemplo de dois mil e quinze tem um capítulo que fala da acessibilidade de comunicação das pessoas com deficiência auditiva e surdez e fala que o tradutor intérprete de libras para atuar no ensino superior teve ter o ensino superior... mas para atuar no ensino de nível médio basta ele ter o médio... como se o profissional que fosse atuar com surdos na escola não precisasse de uma formação específica... só os conhecimentos que ele tem de mundo e os conhecimentos escolares fossem suficientes... e não é verdade... a gente sabe disso... e a lei não menciona nenhum outro contexto... então esse esse foi uma/ essa foi uma brecha que essa lei passou e foi aprovada e que a gente não deveria ter deixado... mas por que a gente deixou? porque a gente não tá lá presente nas discursões que nos interessam politicamente... então os nossos desafios são agora reverter esses quinze anos... de contradições e tentar construir um caminho legislativo que aponte pra uma mesma direção... não pra várias as opções mas a direção que é a formação... exigência de formação de qualidade... eh... e garantia de formação de qualidade pros profissionais

M.P e G.K: Qual o maior marco/conquista que os Tils obtiveram?

V.N: Eu acho que... a maior conquista foram os cursos de graduação... os bacharelados... abertos né... com dinheiro público... nas universidades públicas... acho que é uma conquista inigualável assim... somado a isso... o investimento em pesquisas na área de tradução e de interpretação de línguas de sinais que veio na rasteira... veio análogo aí a abertura desses cursos e o aumento de pessoas eh... envolvidas na área e comprometidas né... então tô te trazendo três... você me perguntou o maior... mas com

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

você percebeu eu sempre gosto de mais... então três... eh... os cursos de bacharelado o aumento de pesquisas e o aumento do número de interessados e de pesquisadores né... então os cursos de bacharelados abrem concursos nas áreas e eu acredito que vão ter mais... concursos... caso o golpe não se instale... de fato... a gente eh eh eh... tenha mais concursos talvez pare por um tempo e tal mas a ideia é que se tenha um aumento do campo aumento da área acho que são três/ citei três poderia citar inúmeras mas eu acho que a principal foram os os cursos de bacharelado aberto com dinheiro público nas universidades públicas

M.P e G.K: O que te fez escolher ser Tils?

V.N: Eu não escolhi... a profissão me escolheu eu não escolhi ser ser intérprete... ah eu não escolhi ser interprete... eu comecei como a grande maioria de nos... ou alguns escolheram né... aqui no Ceará tem alguns que desistiram da graduação e foram fazer letras Libras e tudo mais... como a Mariana por exemplo... eu comecei a aprender línguas de sinais com quinze anos e fui aprendendo e convivendo com surdos... aos dezessete fiz as minhas primeiras interpretações... obviamente com inter/ interesse... fiz uma graduação em fonoaudiologia... amo a fonoaudiologia... acho que é uma área incrível de trabalho... seria fonoaudiólogo né... tinha até pretensões de atuar como fonoaudiólogo depois de formado... mas eu vi que a área da da da tradução e da interpretação que é uma área que eu já tinha experiência antes da graduação... eh... tinha pouca coisa... então eu/ sim eu não escolhi ser interprete... eu escolhi ser intérprete... eu poderia ter seguido a carreira de fonoaudiólogo mas eu não segui... eu segui a carreira de intérprete e todas as minhas energias estão para o campo... então eh... abrir curso de formação em São Paulo... atuei muito tempo em diversos contextos nas empresas em escola em universidade em TV em () comunitária em conferência... fiz muito atuei muito... então o que me levou/ o que me fez escolher... foi possibilidade de mediar mundos e cultura assim... eu sou meio encantado pelo risco que isso nos dá... pela possibilidade da gente pensar diferentes modos eh... de interação né... então eu preciso fazer com que os surdos entendam falantes/ pessoa que não falam sua língua... eu preciso fazer com que ouvintes entendam surdos que também não falam sua língua e pra fazer isso existem culturas jogos valores... então esse risco assim essa relação de interação me fez permanecer na carreira de interprete e não seguir a carreira de professor/ de fono... hoje eu sou professor na área de tradução interpretação... então continuo na área de tradução interpretação

M.P e G.K: Na cultura e comunidade surda qual a relevância do Tils?

V.N: Total... total... só foi possível ter intérprete de língua de sinais graças a uma nova discursividade que reconhece o surdo como um sujeito diferente que usa uma língua diferente que tem uma cultura diferente... então até a década de oitenta por exemplo... década de setenta que você tinha um discursividade normatiza/ normalizadora né...

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

promovia a a normalização do surdo o fato eh eh... ou seja estratégias de torna-lo ouvinte né... de modos você não tinha espaço pro intérprete porque a o o modos operantes da educação da medicina e da religião era transformar um surdo num ouvinte... então não tinha intérprete porque o que eh eh... essas instituições queriam... produzir sujeitos iguais aos da maioria... que falassem como a maioria... e se eles falassem como a maioria não precisaria ter intérprete... não era essa o raciocínio mas é o que tava por trás... com o rompimento dessa discursividade surgindo um um novo discurso sobre a surdez enquanto traço linguístico cultural social aí alguns passam como intérpretes porque centro de culturas e de línguas diferentes tem uma percepção de mundo diferentes precisam de uma mediação com pessoas que não falam sua língua não conhecem sua cultura... então eu acho que a importância é total porque o intérprete é o agente mediador entre um mundo ouvinte e um mundo surdo